

# TEMPO DE REVOLUÇÃO

7 DE OUTUBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 10

## Oportunismo na prática



# O oportunismo político de nossa época

“A natureza do Bolsonaro é golpista, fascista. Por isso a importância desses nossos atos hoje em todo o Brasil”. O discurso de Gleisi Hoffmann na manifestação de 2 de outubro, na Avenida Paulista, concentra muito da análise petista que fundamenta sua política. Haveria um problema pessoal na figura do presidente da República. Bastaria a Câmara dos Deputados iniciar o processo de impeachment para o Brasil “ser devolvido ao povo e ser feliz de novo”. Uma crítica de conjunto ao sentido do governo consiste num risco para o PT, uma vez que aplicariam eles mesmos várias das políticas do governo e disputam para si o apoio da burguesia para governar. Contra essa figura odiosa, “golpista” e “fascista” e pela solução da crise política da República, promoveu-se dia 2 de outubro a articulação com 21 partidos e uma manifestação Fora Bolsonaro com celebração de missas e canto do hino nacional.

Enquanto direita e esquerda brasileiras se uniam por todo o país, Lula deixou claro a que se

propõe o PT e a CUT. Um dia antes, esteve em uma fábrica de Diadema explicando como era necessário investir na indústria brasileira e aumentar a participação do setor no PIB. Investir nas empresas privadas, controladas por grupos imperialistas, com dinheiro público e a custo de engordar a dívida interna e externa. Já no dia dos atos, Lula optou por realizar agenda com caciques de partidos burgueses, uma mensagem clara sobre como compreende as manifestações da dita “Campanha Fora Bolsonaro”. Como justificativa explicou que sua participação estaria condicionada à presença de outros “presenciáveis”, para evitar uma polarização política. Enquanto à militância as lideranças petistas agitam a consigna de “Impeachment Já”, na prática conduzem toda sua atividade com o sentido de pre-

parar a vitória de Lula nas eleições de 2022.

Já o PSOL, que nasceu de uma cisão dentro do petismo reivindicando o socialismo, reconciliou-se com a direção do PT e sustenta uma política quase idêntica já há vários anos. O presidente do partido, Juliano Medeiros, utilizou o caminho de som revesado por lideranças como Gleisi e Orlando Silva para explicar como a sigla em nada se distinguia de seu leito político, o PT e o PCdoB. Segundo Juliano, aqueles que estavam na Avenida Paulista dia 2 eram o “povo real”, em contraposição ao “povo de mentira” que havia ocupado o espaço no 7 de setembro. Sua análise mais penetrante foi explicar que a articulação alcançada naquela manifestação representava

- Esquerda e direita em unidade
- nacional dia 2 de outubro,
- sem diferenciação de classes e
- perspectiva socialista

um novo momento na política nacional, em que se configurava uma luta entre aqueles a favor de Bolsonaro contra todo um outro bloco contra ele, na busca do impeachment.

Desenvolve-se assim a política oportunista liderada pelo PT e PCdoB, seguidos de perto pelo PSOL. O oportunismo foi definido por Lenin como uma agência da ideologia burguesa no seio do movimento operário, que tem como objetivo corromper a luta dos trabalhadores e colocá-los a reboque das forças sociais burguesas. O primeiro expoente dessa corrente política foi Eduard Bernstein, que já no final do século 19 introduzia uma série de revisões no marxismo e de ideias estranhas ao proletariado no seio da socialdemocracia alemã – como eram chamados na época os marxistas. Foi con-

tra essas concepções e seus seguidores que se levantou Rosa Luxemburgo na Alemanha ao lutar contra os revisionistas. Também Lenin se insurgiu contra as variações russas dessa corrente, expressas, entre outros, pelos economicistas. Foi no enfrentamento a esses elementos que Lenin formulou sua ideia célebre: “Sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária”, onde defendia a doutrina do marxismo contra as deturpações daqueles que em nome dos trabalhadores propunham políticas oportunistas.

Não seria possível para Lenin imaginar que em seu nome, mais de 100 anos depois, seriam aplicadas todo tipo de práticas oportunistas, como hoje faz a Resistência do PSOL. Essa corrente tem articulado as reuniões da autodenominada “Campanha Fora Bolsonaro”, que busca desde o começo deste ano agrupar e colocar sob a di-



EXPEDIENTE

TEMPO DE  
REVOLUÇÃO

**Diretor de Publicação:** Serge Goulart  
**Editor:** Evandro Colzani  
**Editor Assistente:** Johannes Halter  
**Diagramação:** Johannes Halter e

Evandro Colzani  
**Conselho Editorial:** Alex Minoru, Caio Dezorzi, Evandro Colzani, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho,

Maritania Camargo e Serge Goulart  
**Comitê de Redação:** André Mainardi, Flávia Antunes, Francine Hellmann, Henrique de Macedo,

Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares  
**Jornalista Responsável:** Rafael Prata  
MTB nº 40040/SP

## SITUAÇÃO POLÍTICA E ATIVIDADE DA EM

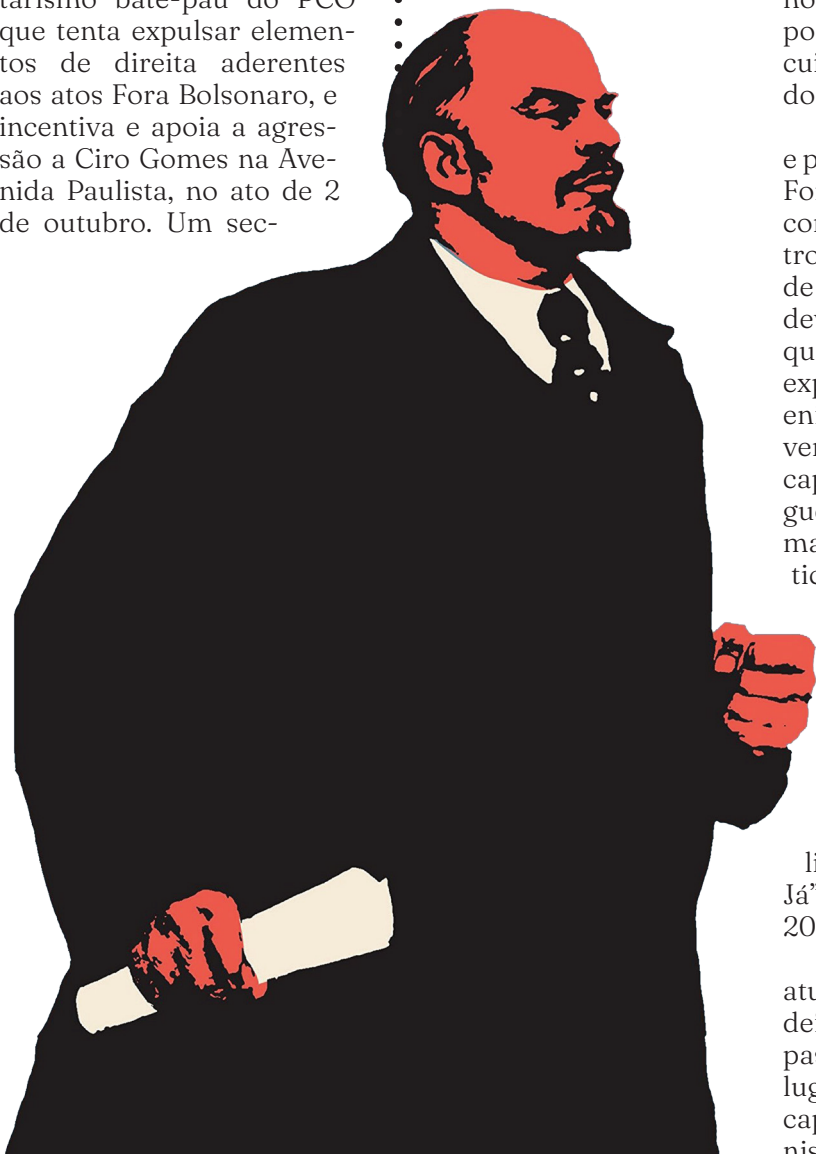
reção do PT e da CUT todas as organizações e movimentos de esquerda do país. Cada um desses encontros é coordenado por militantes do Resistência e da CUT. Oriunda do sectarismo autoproclamatório do PSTU, essa corrente operou um giro de 180°. Depois de 13 anos denunciando histericamente os governos petistas, passando pela linha do “Fora Todos” durante o impeachment de Dilma, tornaram-se a tropa de choque da frente ampla e do reconhecimento do papel central de Lula na política brasileira. Patrocinam a cobertura de esquerda para a elaboração e a prática desenvolvida pela ala majoritária do PSOL e da política de colaboração de classes de Boulos. Completam sua orientação com uma série de ideias pós-modernas e identitárias da pequena burguesia sobre mulheres, negros, questões de gênero e drogas.

Contra o oportunismo político de nossa época, em primeiro lugar necessitamos defender e afirmar as ideias do marxismo. Isso nada tem a ver com o sectarismo bate-pau do PCO que tenta expulsar elementos de direita aderentes aos atos Fora Bolsonaro, e incentiva e apoia a agressão a Ciro Gomes na Avenida Paulista, no ato de 2 de outubro. Um sec-

tarismo que se combina e encobre o profundo oportunismo dessa seita personalista, que após décadas se locupletando do dinheiro estatal do fundo partidário, adaptou-se completamente à política de Lula e do PT. Uma posição revolucionária na luta de classes parte da afirmação da estratégia da revolução social, da necessidade de destruição violenta do Estado por meio da ação de massas. Diante do terreno concreto, da história da luta de classes no Brasil, do desenvolvimento das forças produtivas e do nível de consciência das massas em cada momento, devem os revolucionários traçarem as táticas adequadas que os façam aproximar-se de seu objetivo mais geral.

Lenin repetia diversas

- Lênin combateu todas
- as vertentes teóricas e
- políticas do oportunismo
- que surgiram em sua época,
- fornecendo um arsenal
- revolucionário para aqueles
- que continuam erguendo a
- bandeira da revolução social



vezes que a verdade é sempre concreta, e que não existem verdades abstratas. Marx e Engels explicavam na “Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas”, em 1850, na esteira da Revolução dos Povos, que em determinadas condições históricas e lugares uma aliança do proletariado com a burguesia poderia ser necessária. Porém, quando fosse realizada, sempre deveria ser feita mantendo a independência de classe, lançando toda desconfiança sobre o aliado de momento, e preparando-se para a ruptura e o abreviamento da derrubada do próprio aliado após a vitória contra o inimigo em comum em questão. Isso era assinalado numa época em que a burguesia jogava ainda podia jogar um papel progressista e era parte do combate ao feudalismo e absolutismo. Hoje não é esse o caso. Nossa época é a da decadência imperialista, da destruição das forças produtivas e da marcha à barbárie conduzida pela burguesia por todos os lados. Toda ação conjunta com essa classe, em nossa época, deve ser feita, portanto, com 10 vezes mais cuidado do que na metade do século 19.

A presença de elementos e partidos de direita nos atos Fora Bolsonaro expressa a contradição e a crise dentro da própria correlação de forças da burguesia, e deve ser, ao contrário do esquerdismo infantil do PCO, explorada e utilizada para enfraquecer a base do governo Bolsonaro e a própria capacidade de ação dos burgueses. Isso de forma alguma se confunde com a política oportunista promovida pelo PT, PCdoB e PSOL de incentivar o protagonismo da direita nos atos e defender esta democracia dos ricos e para os ricos, assim como seu Estado, por meio da linha “Impeachment Já” e “feliz eleições 2022”.

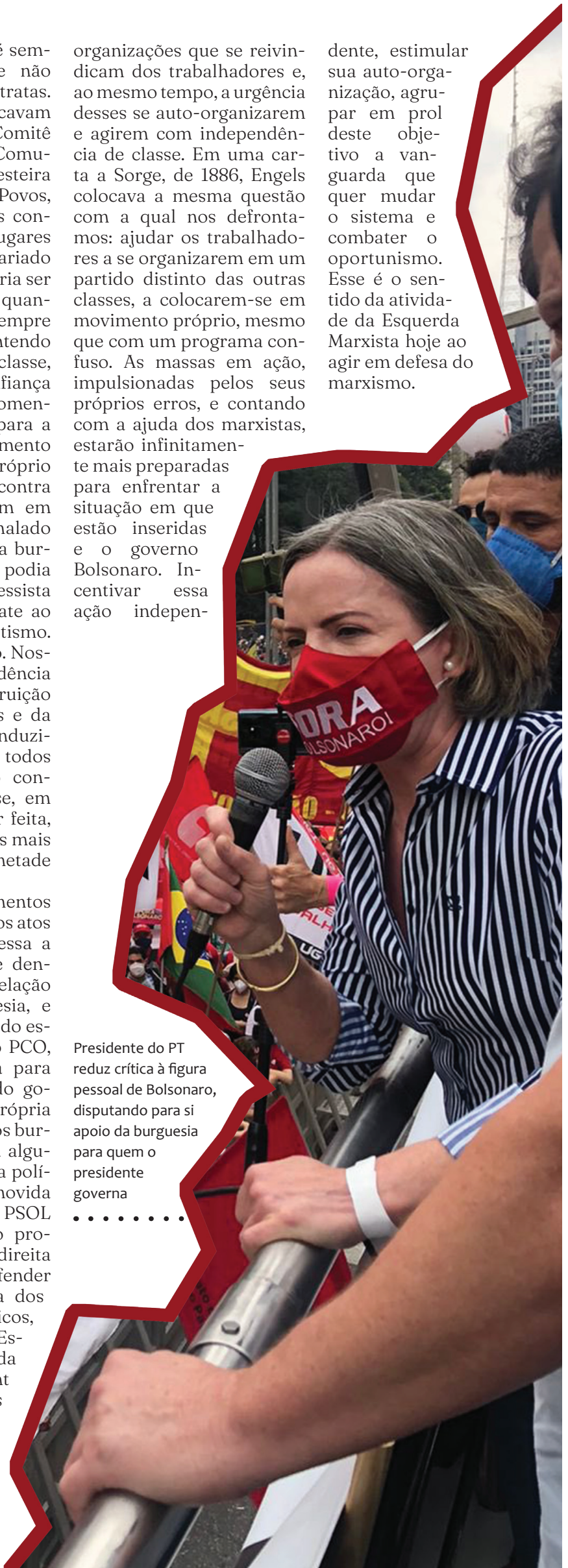
Nas condições atuais do Brasil, a defesa do marxismo passa, em primeiro lugar, por assinalar a capitulação oportunista das grandes

organizações que se reivindicam dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, a urgência desses se auto-organizarem e agirem com independência de classe. Em uma carta a Sorge, de 1886, Engels colocava a mesma questão com a qual nos defrontamos: ajudar os trabalhadores a se organizarem em um partido distinto das outras classes, a colocarem-se em movimento próprio, mesmo que com um programa confuso. As massas em ação, impulsionadas pelos seus próprios erros, e contando com a ajuda dos marxistas, estarão infinitamente mais preparadas para enfrentar a situação em que estão inseridas e o governo Bolsonaro. Incentivar essa ação indepen-

dente, estimular sua auto-organização, agrupar em prol deste objetivo a vanguarda que quer mudar o sistema e combater o oportunismo. Esse é o sentido da atividade da Esquerda Marxista hoje ao agir em defesa do marxismo.

Presidente do PT reduz crítica à figura pessoal de Bolsonaro, disputando para si apoio da burguesia para quem o presidente governa

.....



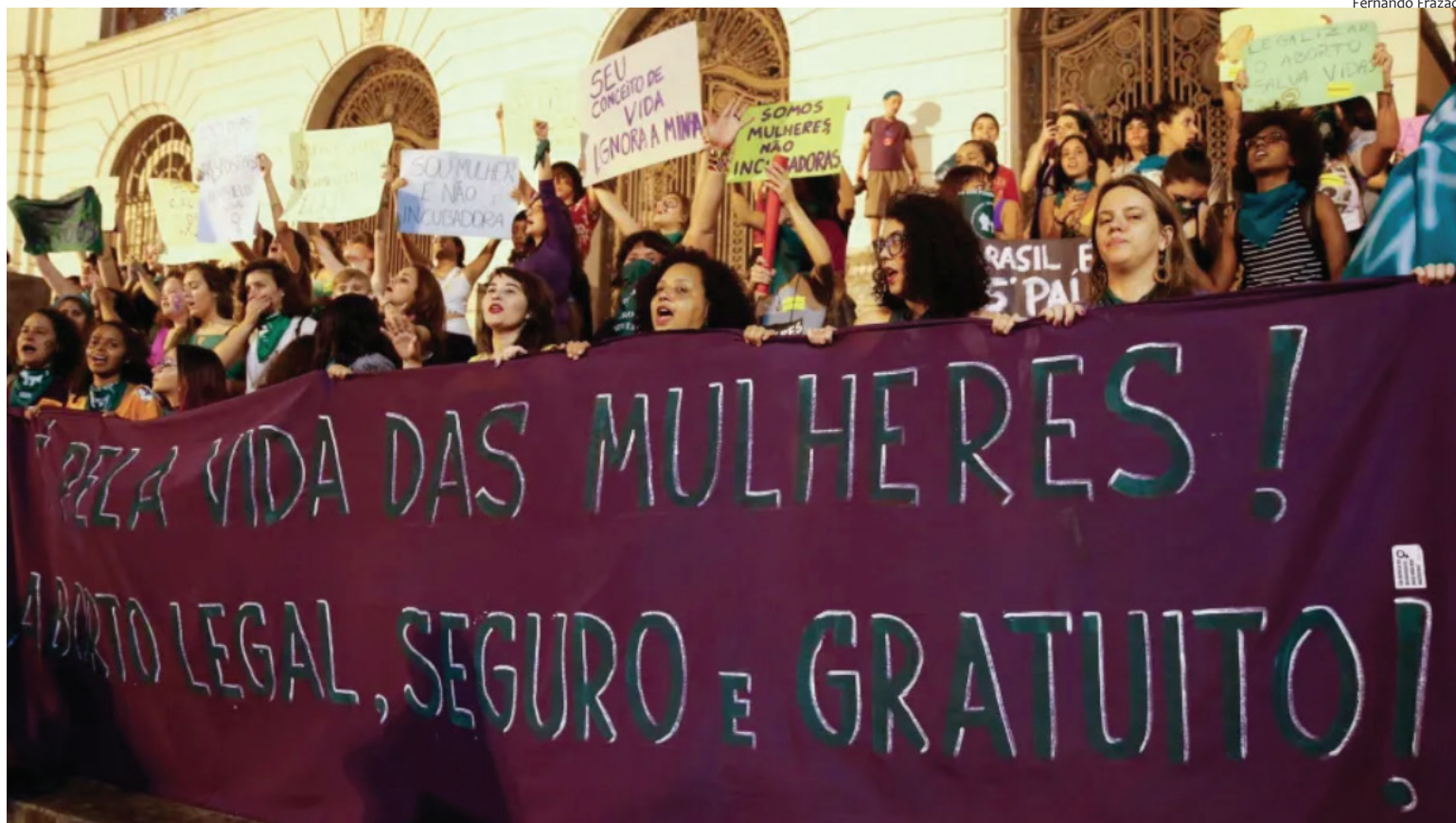
# Lutar pelo direito ao aborto legal, público e para todas

| Movimento Mulheres Pelo Socialismo - Florianópolis

O Movimento Mulheres pelo Socialismo (MPS) nasceu da necessidade teórico-prática de compreender e intervir na luta de classes a partir das principais questões que oprimem e, por sua vez, impedem que a mulher trabalhadora avance na conquista de seus direitos enquanto classe. Eis aqui um ponto a se destacar: lutamos por reivindicações a partir de uma perspectiva de classe, pois compreendemos que dentro do sistema capitalista as mulheres a serviço da classe burguesa nada tem a nos oferecer a não ser ainda mais ataques, retrocessos e violência.

Partindo dessa premissa, destacamos a questão sobre o direito ao aborto legal, público e para todas como uma das principais bandeiras que compõe nossa [Plataforma Política de Luta pela Emancipação das Mulheres Trabalhadoras](#). Em março deste ano, realizamos um Encontro Nacional sobre o tema que reuniu cerca de 200 pessoas de diferentes lugares do Brasil e de outros países, como Argentina, Estados Unidos e Itália. O resultado desse encontro culminou no lançamento da campanha “Pelo direito ao aborto, legal e público! Pelo fim da violência contra a mulher! Abaixo o governo Bolsonaro, por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais”.

Essa reivindicação foi retomada em 25 de setembro, quando realizamos o Encontro Nacional dos Núcleos do MPS existentes em vários estados do país. Nele, retomamos nossa plataforma política e pontuamos a trajetória histórica pela luta do direito ao aborto no mundo. Foram feitos relatos de países como Uruguai, Argentina e México, que trouxeram dados sobre a legalização irrestrita aí consolidada, bem como os limites que precisam ser superados para que as mulhe-



Fernando Frazão

res possam ter pleno acesso a esse direito.

Atualmente no Brasil, o aborto é apenas permitido legalmente em casos de estupro, anencefalia do feto e risco de morte à mãe. Além de estar restrito a essas três condições, cabe pontuar que essa “permissão” para o aborto está atrelada a práticas de coerção, constrangimento e convencimento de crianças, adolescentes e adultos, no próprio sistema de saúde, para que o procedimento não ocorra. Essas práticas trazem no seu bojo a violência e criminalização da mulher, ferindo o direito ao seu próprio corpo, além de impulsionar as mulheres a procurar métodos e clínicas clandestinas para interrupção da gravidez.

A realização do aborto clandestino, por sua vez, tem sérias consequências para as mulheres trabalhadoras, fazendo com que muitas tenham suas vidas ceifadas por consequência dos procedimentos utilizados. Mais uma vez aqui aparece

a questão de classe, já que as mulheres com alto poder aquisitivo realizam o aborto em clínicas que oferecem maior segurança, bastando ter dinheiro para pagar.

Uma reportagem realizada em agosto de 2020 por Acayaba e Figueredo reafirma o que pontuamos:

“SUS fez 80,9 mil procedimentos após abortos malsucedidos e 1.024 interrupções de gravidez previstas em lei no 1º semestre de 2020. Total de curetagens e aspirações, procedimentos realizados após abortos espontâneos e provocados, foi 79 vezes maior que abortos legais, segundo dados do DataSUS. Discrepância indica que o próprio sistema hospitalar arca com os procedimentos pós-abortos clandestinos, dizem especialistas”.

Daí decorre que, além do risco de vida que as mulheres trabalhadoras sofrem ao realizar o aborto na clandestinidade, o próprio sistema público de saúde (quando se consegue chegar até aí) tem arcado com as consequências de proce-

dimentos que poderiam ser realizados com segurança e com um risco de complicações muito menor se tivéssemos o aborto público, gratuito e para todas assegurado de forma irrestrita em todo país.

Cabe ressaltar que, conforme debatemos no Encontro Nacional dos Núcleos do MPS de setembro, mesmo nos países nos quais foi conquistada a legalização irrestrita do aborto, como no Uruguai e Argentina, há ainda dificuldades para sua realização, sendo a decisão muitas vezes barrada por profissionais da área da saúde quando são procurados por mulheres para fazer o procedimento.

Nesse sentido, a campanha lançada pelo MPS vai muito além de ter uma legislação que garanta a realização do aborto de forma irrestrita entre as mulheres trabalhadoras. Lutamos para que as mulheres de nossa classe possam ser respeitadas nas decisões sobre seu próprio corpo e que

tenham suporte legal, mas também psicológico e político, para lutar em defesa das liberdades democráticas.

Uma das primeiras tarefas para iniciar esse caminho é a derrubada do governo Bolsonaro e a construção de um governo dos próprios trabalhadores, sem patrões nem generais. Por isso, o MPS junta-se aos “Comitês de Ação Abaixo Bolsonaro” e à preparação de um 8 de Março onde o direito ao aborto legal e público seja um dos principais pontos da nossa pauta.

Conforme orientação presente na [Declaração Final do Encontro Nacional dos Núcleos do MPS](#), “precisamos construir um 8 de Março vitorioso, levando nossas palavras de ordem e erguendo com orgulho nossas bandeiras. É preciso conversar com cada mulher trabalhadora e jovem farta da violência, da exploração e da miséria, apresentando nossas reivindicações transitórias e a necessidade da luta pelo socialismo”.

# RETA FINAL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DA LIBERDADE E LUTA E SUA PREPARAÇÃO POLÍTICA

| Lucy Dias

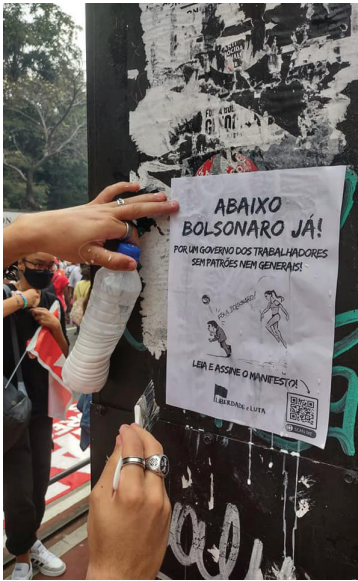
Estamos a menos de três semanas da Conferência da Liberdade e Luta 2021, que será realizada no dia 23 de outubro, das 9h às 17h15. Nessas três semanas de reta final, estamos preparando elementos organizativos e políticos para um vitorioso encontro.

Entramos em contato com os inscritos para confirmar se eles receberam o primeiro caderno preparativo e para consultar sobre a possibilidade de assistirmos aos informes da conferência juntos presencialmente. A atividade ainda será mantida em formato online, mas, onde for possível, organizaremos para acompanhar coletivamente, com protocolos sanitários e instruções adequadas.

Politicamente, estamos, desde o início da preparação da conferência, em uma intensa discussão interna sobre as propostas de resolução que serão submetidas a voto durante o evento. Serão, ao todo, três propostas de resolução: sobre jovens trabalhadores, universitários e secundaristas; além de uma proposta de declaração final.

Esses documentos têm como objetivo o tema central da conferência “preparar a juventude para tempos revolucionários” e, portanto, analisar cada camada da juventude, os ataques que ela tem sofrido, os métodos e reivindicações transitórias para nos mobilizar desde já, apontando para uma saída socialista e revolucionária.

Enviamos no [Caderno Preparativo 1](#) a proposta sobre jovens trabalhadores, sobre a necessidade de trabalho para a juventude em contraste com o emprego precário e desemprego



que o capitalismo nos oferece. A proposta apresenta o combate pelo direito ao trabalho e pelo direito aos serviços públicos, gratuitos e para todos como pilares centrais. Também combate o sindicalismo baseado na Carta Del Lavoro, presente na CLT. A estrutura sindical brasileira se baseia no assistencialismo, nas contribuições compulsórias e no reconhecimento estatal via termo de outorga, atrelando os sindicatos ao Estado burguês e, portanto, convertendo-os em instrumentos de perpetuação da opressão e exploração capitalista.

Apresentamos também nesse documento reivindicações transitórias, ou seja, aquelas capazes de mobilizar os jovens tra-

balhadores desde já no seu enfrentamento contra os patrões e o Estado, ao mesmo tempo em que abrem perspectiva para a luta socialista pela revolução. Outro aspecto são as propostas de ação, para, através dos núcleos da Liberdade e Luta, organizar atividades sobre a História do Movimento Operário, Movimento das Fábricas Ocupadas, luta por salário igual para trabalho igual; assim como de ações de solidariedade e aliança operário-estudantil às greves e mobilizações dos trabalhadores, denunciando abusos. Além de debates, projetam-se panfletagens e apoiando piquetes.

Também foi enviado nesse primeiro caderno um artigo sobre 1917, ano da Revolução Russa, da Revolução Bolchevique. Nesse artigo, escrito por Alex Minoru, os inscritos podem encontrar uma boa introdução ao que foi o ano de 1917, bem como suas lições. Uma homenagem aos 104 anos da Revolução Russa será o tema da abertura do evento. Por isso, orienta-se que os núcleos da Liberdade e Luta discutam esse artigo, além das propostas de resolução, como instrumento de preparação teórica e histórica.

Na semana em que publicamos esta edição do jornal,

o [Caderno Preparativo 2](#), foi enviado junto a proposta de resolução sobre jovens universitários, as primeiras propostas de emenda recebidas e os métodos para enviar emendas. Essa proposta é bastante contundente no combate à degeneração capitalista da ciência e das universidades, que se expressa no ataque à autonomia universitária (liberdade de produção de pensamento científico, artístico e político), além da disseminação de teorias anticientíficas e pós-modernas nas universidades.

Nela, está presente a política adotada pelas direções do Movimento Estudantil, a favor da regulamentação do Ensino Superior privado, além das políticas afirmativas para o acesso, como cotas étnico-raciais.

Essa proposta também elabora uma lista de reivindicações transitórias específicas para o combate nas universidades e aponta três eixos de luta: a defesa da teoria marxista, o combate à paralisia do movimento estudantil e a luta para pôr abaixo o

governo Bolsonaro agora. Além disso, indica o cenário de Paulo Freire para abrir o debate sobre “a pedagogia do oprimido ou luta de classes”, “pedagogia do oprimido ou marxismo” como indicativo de tema. Trata-se de um dos assuntos que apontaremos para ser tratado no 3º Seminário em Defesa da Educação Pública, a ser realizado em 2022, ao lado do combate à aplicação da reforma do Ensino Médio.

O próximo e último caderno preparativo será enviado na última semana de preparação com as propostas de resolução sobre a juventude secundarista e a declaração final, além de outros documentos que a Coordenação Nacional considerar necessários.

Prepare-se para tempos revolucionários! Participe da Conferência Nacional da Liberdade e Luta.



**PREPARAR**  
**A JUVENTUDE**  
**PARA TEMPOS**  
**REVOLUCIONÁRIOS**



**INSCREVA-SE  
E PARTICIPE!**



Militantes e simpatizantes da Esquerda Marxista em Joinville, que são professores de escolas estaduais, reuniram-se no dia 28 de setembro. O primeiro número do informativo Alternativa Sinte, lançado em setembro, além de discutir as questões mais latentes para a categoria, convocava uma reunião para construir uma oposição à atual direção regional e estadual do Sinte-SC.

Este é um dos maiores sindicatos de Santa Catarina e representa todos os trabalhadores das escolas estaduais, uma categoria que já foi nacionalmente reconhecida pela sua combatividade no passado. No entanto, a direção estadual do Sinte acompanhou a completa adaptação do movimento sindical e do Partido dos Trabalhadores ao Estado e aos interesses do capital. Devido a isso, nos últimos anos as perdas têm sido inúmeras: aprovação de um pacote de ataques, em 2015, ausência de campanha salarial, pioneirismo na implantação da contrarreforma do Ensino Médio, retorno das aulas presenciais no início de 2021. Tudo isso foi se combinando com um total esvaziamento das assembleias, em manobras da direção [que podem ser melhor entendidas aqui](#).

Em agosto de 2021, foi aprovada na Assembleia Legislativa de Santa Ca-

# Construir uma Alternativa para os trabalhadores em educação de SC

Arthur Henrique Dell'Antonia e Bruna dos Reis

tarina (Alesc) a reforma da previdência dos servidores públicos estaduais, com a justificativa de que atualmente existe um déficit nas contas públicas, e que, segundo projeções, ele aumentaria drasticamente nas próximas décadas. A reforma, em linhas gerais, aumenta a idade mínima de aposentadoria dos servidores públicos em cinco anos para homens e sete para mulheres. Também altera as regras de alíquotas de contribuição dos servidores, fazendo com que agora todos os aposentados que ganham acima de um salário-mínimo passem a contribuir com a previdência com 14% dos seus salários. Antes da reforma, apenas os servidores aposentados que ganhavam acima de R\$ 6.433 o faziam. As mudanças também reduzem o valor pago na pensão por morte, de 100% do salário para de 60% a 100%.

O Sinte não preparou a categoria para o combate a esta contrarreforma. Para exemplificar, podemos citar dois fatos. Demoraram mais de dois meses para “analisar” e “combater” a proposta da contrarreforma, já anunciada pelo governo no final de maio. Organizaram uma live no YouTube para

explicar quais são as mudanças no regime previdenciário dos professores com a reforma, um dia DEPOIS da sua aprovação na Alesc.

A consequência disso, além da aprovação da reforma em si, foi o total desconhecimento da categoria em relação a ela, além de aprofundar a descrença para com o sindicato. Ora, se os trabalhadores compreendessem a gravidade da reforma e o sindicato tivesse apresentado um combate sério a ela, não existem dúvidas de que todos entrariam nele. Isso porque o principal argumento do governo estadual para a contrarreforma é de que a relação entre servidores ativos e inativos vai diminuir com o passar do tempo. Esta projeção veio do Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina (Iprev), e, curiosamente, estima que perto de 2050, 100% dos servidores serão inativos, e 0% (!!!) serão ativos.

Trata-se de uma perspecti-

va baseada na aplicação da Reforma Administrativa e da política adotada nacionalmente de acabar com o concurso público e a estabilidade no serviço público.

Essa mesma proporção, se observada para servidores da Alesc, é de 0,31 (ou seja, a cada 100 servidores, 31 são ativos), enquanto que para os demais servidores é de 0,8 (de cada 100, 80 são ativos). Ou seja, as condições especiais de aposentadoria dos deputados impactam muito mais no suposto déficit.

Ao mesmo tempo, o governador Carlos Moisés (PSL), divulgava um aumento salarial substancial – o “piso dos R\$ 5 mil”. Esse anúncio, assim como as bolsas de estudo para os estudantes da rede, não passam de uma jogada de marketing. Eles não anulam o acúmulo de perdas dos últimos anos sem reajuste, a própria reforma e a aplicação acelerada do “Novo Ensino Médio”. Projeto este que já



está destruindo o currículo das escolas catarinenses e promete em breve deixar uma boa parcela da categoria desempregada.

É importante também ressaltar que novos ataques estão por vir, como a aplicação da contrarreforma do Ensino Médio. Por isso, a reunião dos militantes e simpatizantes da EM decidiu por lançar um novo número do informativo Alternativa Sinte no dia 18 de outubro. Além dessa pauta, o jornal vai tratar de um outro problema que está surgindo: a exoneração de alguns professores, como é o caso da nossa camarada Mabel.

O segundo número do informativo será difundido também no dia 6 de novembro, quando acontece a prova do processo seletivo para professores contratados (uma parcela cada vez maior da categoria). É uma oportunidade de abriremos contatos e construir a Alternativa Sinte por várias regiões do Estado. A próxima reunião acontecerá no dia 13 de novembro.

É necessário que se volte a discutir política em cada local de trabalho; que a luta por outra sociedade esteja na ordem do dia; que seja retomada a história de luta do Sinte e que o destino dos trabalhadores esteja nas mãos da nossa própria classe.



## FORMAÇÃO

# Universidade Marxista Brasil debaterá as lições e a importância da Revolução Russa

| Michel Silva

No dia 30 de outubro, de forma online, será realizado mais um módulo da Universidade Marxista Brasil (UMB), centrado nas lições e na importância da Revolução Russa. Esse será o terceiro módulo da UMB deste ano, discutindo temas relacionados à história das revoluções. Em 2021, já foram realizadas atividades sobre a Comuna de Paris, em maio, e sobre a Revolução Espanhola, em agosto.

O estudo sobre as lições e a importância da Revolução Russa é fundamental para os trabalhadores na atualidade, seja por ter sido a primeira experiência revolucionária vitoriosa do proletariado, seja pela necessidade de combater as mentiras difundidas pela burguesia, seja pela necessidade de armar o proletariado política e teoricamente nas lutas da atualidade. Trotsky comentava, em “Lições de Outubro”, publicado em 1924, que o estudo da Revolução de 1917 era necessário, entre outros motivos, porque nos demais países o proletariado teria “que resolver ainda o seu problema de Outubro”.

Na Revolução Russa, desde o “ensaio” de 1905 até a vitória de outubro de 1917, os trabalhadores construíram e fortaleceram os organismos de poder – conhecidos como sovietes – e uma



Poster soviético de 1920

direção política centralizada que dirigiu a tomada do poder. O processo revolucionário russo também colocou a importância prática de discussões teóricas centrais, como as especificidades da dinâmica econômica de cada país em sua relação com o imperialismo, o papel reacionário cumprido pela burguesia, a necessidade de um partido revolucionário e como as demandas concretas não resolvidas pela revolução burguesa acabam se tornando tarefas a serem assumidas pelo proletariado. Nesse sentido, as contribuições teóricas de Trotsky, como seus escritos sobre a revolução permanente e o desenvolvimento desigual e combinado, são lições que ainda hoje determinam a

compreensão da realidade na luta dos trabalhadores.

Este é o segundo ano em que realizamos a UMB. Em 2020 foram organizadas atividades para discutir temas de introdução ao marxismo, como luta de classes, conceitos básicos de economia política, imperialismo, entre outros. Essa iniciativa é um desdobramento da Universidade Marxista Internacional, organizada pela Corrente Marxista Internacional (CMI), que reuniu mais de 6 mil pessoas em todo o mundo, também em 2020.

Convidamos todos a se inscreverem e participarem da atividade sobre Revolução Russa. Para se preparar, recomendamos a leitura de alguns dos mais brilhantes textos de Trotsky, como “Lições de Outubro”, “A Revolução de Outubro” e “História da Revolução Russa”, todos com edições em português.

Neste módulo ainda realizaremos, em 2021, uma atividade sobre a Revolução Alemã e, em 2022, atividades sobre as revoluções Cubana, Boliviana, Chinesa, bem como sobre processos políticos que marcaram o Brasil nas primeiras décadas do século 20, em particular a Coluna Prestes, a “Revolução” de 30 e “Intentona” Comunista.



## CALENDÁRIO UMB



**30 de Outubro de 2021**  
Revolução Russa (1905 e 1917)



**11 de Dezembro de 2021**  
Revoluções Alemãs (1918-19 e 1923)



**19 de Fevereiro de 2022**  
Revolução Cubana (1959-60)



**30 de Abril de 2022**  
Revolução Boliviana de 1952



**25 de Junho de 2022**  
Coluna Prestes (1924-27), Revolução de 1930 e Intentona Comunista (1935)



**27 de Agosto de 2022**  
Revoluções Chinesas (1927 e 1949)

## NÃO PERCA!

No mês da mais importante revolução da história do movimento operário, a UMB irá debater a Revolução Russa de 1917.

**Quando?** 30 de outubro (sábado)  
**Horas:** 15h  
**Onde?** Online ([Clique aqui e inscreva-se](#)).





# Marxistas expulsos do *Labour* em meio à instabilidade e crise na Grã-Bretanha

| Fernando Leal

Está ocorrendo uma verdadeira guerra civil no interior do Partido Trabalhista britânico. Nossos camaradas do Socialist Appeal, seção britânica da CMI, têm sido expulsos do partido sem direito à apelação. A ala direita do Partido Trabalhista abriu um ataque implacável contra a ala esquerda. Esse ataque alcançou seu auge na Conferência do Partido Trabalhista, que aconteceu na última semana.

A ala dirigida e controlada pela burguesia britânica não pretende cometer o mesmo erro do passado, quando permitiu que Jeremy Corbyn chegasse à liderança do Partido Trabalhista. Estão expulsando milhares de militantes da ala esquerda e mudando as regras em relação às eleições internas do partido. Fazem isso sem se importar com as consequências na vida interna da legenda. Empenham-se muito mais em expurgar a ala esquerda do que lutar contra o partido conservador.

Corbyn tronou-se líder do Partido Trabalhista em 2015, quando a direção do trabalhismo permitiu sua candidatura em meio a uma crise interna do partido e sucessivas derrotas eleitorais. Corbyn era um parlamentar da sigla, que nunca havia se dobrado à política totalmente conciliadora de Tony Blair, votou contra a Guerra do Iraque e contra privatizações. Sua campanha atraiu centenas de milhares de jovens ao Partido Trabalhista e venceu as eleições internas com ampla margem. Em 2017, nas eleições gerais do país, os conservadores ven-

ceram mais uma vez. Entretanto, Corbyn recebeu mais votos que seus antecessores trabalhistas, apesar da incessante sabotagem que sofria, tanto da ala direita do partido como da imprensa burguesa.

Durante este período, nossos camaradas britânicos combateram incansavelmente para que a direção de Corbyn adotasse uma verdadeira postura de independência de classe e alertaram que não se deveria permitir que a ala direita do partido se mantivesse em seus postos de direção e com suas cadeiras no parlamento. Porém, como sempre ocorre, as lideranças reformistas não possuem a audácia de tomar as ações necessárias e, em nome de uma unidade, que nunca existiu, não levaram a cabo as medidas necessárias para expurgar a ala direita da direção do partido quando tiveram chance. A ala direita, porém, não descansou nem por um segundo em sabotar o movimento de Jeremy Corbyn. Agora, estamos acompanhando o resultado de suas vacilações.

No último ano tivemos novas eleições internas no Partido Trabalhista e Jeremy Corbyn não se candidatou à liderança. Esse foi um grande erro. Abriu espaço para que um candidato da ala direita, Keir Starmer, se tornasse o líder do partido. Starmer fez uma campanha em nome da unidade e apresentou-se como o candidato do centro. Prometia acabar com a guerra interna no partido. Porém, uma vez eleito, iniciou ataques implacáveis, sem o mínimo constrangimento, contra toda a ala esquerda. O próprio Jeremy Corbyn foi suspenso, acusado de antissemitismo, exatamente como o movimento sionista sempre faz contra qualquer um que defenda a Palestina. Grupos inteiros foram expulsos acusados de antissemitismo.

Nossos camaradas foram expulsos simplesmente por serem marxistas. Todo camarada nosso identificado vendendo nosso jornal, o Socialist Appeal, recebe uma carta de expulsão sem direito à apelação. Toda essa bruta-

lidade por parte da direção do partido trabalhista para expulsar a ala esquerda não revela sua força e sim todo o contrário. Esta é a direção mais débil da história do Partido Trabalhista britânico. Em certos momentos a burguesia se permite métodos democráticos de dominação, mas nas crises joga fora o véu democrático e mostra que na verdade vivemos uma guerra de classes. Este é o momento que vivemos agora e isso revela o quão atenta a burguesia está em relação aos marxistas.

Nunca a direção do Partido Trabalhista esteve tão desconectada das reais demandas da classe trabalhadora britânica. Na pior crise da história do capitalismo, acentuada pela pandemia, preferem atacar a ala esquerda do partido ao invés de apresentar um programa mínimo de reivindicações para a classe trabalhadora. Ao longo de toda a pandemia, assistiram passivamente o governo conservador de Boris Johnson condenar à morte cerca de 150 mil britânicos.

Neste momento, não podemos deixar de avaliar a fraqueza política da ala esquerda do partido, liderada por Jeremy Corbyn, que também não esteve disposta a romper com a política de conciliação de classes. Seu programa se limitava a uma política fiscal de ampliação dos gastos públicos e a um programa muito tímido de reestatizações. Não puderam oferecer a liderança que a classe trabalhadora britânica necessita.

Todos esses acontecimentos revelam mais uma vez que apenas as forças do marxismo podem oferecer uma verdadeira saída da crise do capitalismo. Nossos camaradas do Socialist Appeal explicaram pacientemente o que era necessário para deter a ala direita do partido, desde a eleição de Corbyn em 2015. Aproveitaram o momento para crescer e defender as ideias do marxismo no interior do Partido Trabalhista britânico e puderam apresentar seu programa para uma ampla massa de jovens que havia aderido ao Partido Trabalhista.

Agora, a seção britânica da CMI enfrenta as consequências da fraqueza dos oportunistas britânicos, mas com uma confiança e uma moral incompreensível para as demais forças políticas sob ataque. Os marxistas britânicos enfrentam o ataque da ala direita com o ânimo advindo da teoria marxista e de seu programa, pois o desespero da fração pró-burguesia do trabalhismo mostra que a Grã-Bretanha está na antessala da revolução.



Protesto em Londres contra campanha de expulsões dos marxistas do Partido Trabalhista

